

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

Era uma vez um lugar encantado que mais parecia uma tela pintada por um grande artista no mapa do país da natureza e terra da espontaneidade. Seu criador colocou uma faixa de coqueiros que contornava e dava sombra às areias de toda a sua costa. E, para amaciar as areias, o artista fez chegar o azul esverdeado de águas refrescantes e espuma branca que deslizava do topo das ondas que vinham do horizonte. Apesar de tão bonito o lugar, seus moradores, crianças da humanidade, nem percebiam a preciosidade da terra que possuíam.

A que lugar você imagina que o trecho se refere? Qual a função da analogia que ele faz entre os habitantes do lugar e a etapa criança no desenvolvimento do homem? Tais perguntas-estímulos poderiam criar campo fértil para semear os pressupostos da Educação Transformadora numa aula de história cujo tema fosse uma releitura do Achamento do Brasil. Como uma ação introdutória da Educação Transformadora, um facilitador de aprendizagem buscária despertar a poesia e a curiosidade científica que emanam da Criança interior de todo ser humano. Durante inúmeros anos, ensinar significava transmitir informações numa relação em que o “mestre” detinha o “poder do conhecimento”, enquanto o aprendiz ficava numa posição passiva na relação. À medida que a ciência evolui, também o mundo do ensino assim o faz.

“Em contraste com a concepção mecanicista cartesiana, a visão do mundo que está surgindo a partir da física moderna pode caracterizar-se por palavras como orgânica, holística e ecológica. Pode ser também denominada visão sistemática, no sentido da teoria geral dos sistemas. O universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes são essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico.”¹

Hoje, a teia referencial oferecida pela transversalidade que a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96)² formata é aval legal para preencher uma necessidade desde sempre presente nas salas de aula, ainda que inconsciente. A existência de uma lei, cujo tema envolve uma profunda mudança de cultura e de postura perante a vida, por si só não assegura seu cumprimento. A lei, no entanto, denuncia o grande desejo de tal mudança. Cabe ao próprio homem transformar suas leis internas, as que regem seus atos (seus paradigmas pessoais) através do autoconhecimento. A transversalidade proporciona à prática educativa condições para que a relação entre aprender “sobre a realidade” e aprender “na realidade” esteja evidenciada. Ações transversais, no entanto, exigem do educador a capacidade do pensar relacional em detrimento do linear. O desdobramento

¹ CAPRA, Fritjof, *O Ponto de Mutação*. 14^a ed., São Paulo: Cultrix, 1982, p. 72

² “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

dos temas transversais inclui aspectos humanísticos que atribuem ao professor o “poder” de reeducar o povo brasileiro: autoestima, relacionamento, autoconhecimento, valorização das diferentes culturas, entre outros, possibilitando que os conteúdos programáticos sejam identificados em relação ao que os alunos vivenciam no seu cotidiano. Como separar interpretação de texto (análise da vida!) do estudo de história?! Melhor que excluir as ferramentas da própria realidade escolar disponíveis é assumir que elas estão interconectadas e são necessárias para que o aprender seja natural, dando o modelo para que tal percepção possa fazer parte do olhar do aluno também.

Nesse fluxo de mudanças, surge a Educação Transformadora, cujos pressupostos são: a aprendizagem é um processo relacional. O conhecimento “existe” no mundo interno de cada pessoa e sua educação pode ser desencadeada a partir de um modelo externo. Uma “resposta apropriada” à dinâmica pessoal do aprendiz identificada pelo educador pode interferir no resultado. O “erro” é sintoma referencial que define o “momento” do processo de aprendizagem.

O educador que acredita ser ensinar a arte da troca numa relação amorosa com o aprendiz sente necessidade de diretrizes que o capacitem a compreender seu aluno para estar com ele de uma forma construtiva. O antigo papel parental que o educador exercia é transformado em um papel facilitador, cuja postura terapêutica proporciona o suporte adequado para que o aluno possa, dentro do seu próprio tempo, identificar, abraçar e alcançar os seus próprios objetivos. O facilitador é o modelo que instiga e estimula a descoberta do conhecimento dentro do próprio aprendiz.

A Educação Transformadora foi sendo eduzida durante 25 anos através da prática de ensino e observações. As necessidades individuais dos alunos eram o foco da pesquisa. No início, ainda na etapa intuitiva da pesquisa, o interesse estava na evolução do aprendizado do aluno em relação à interação entre este e seu professor e, em especial, no quanto a atitude do professor influenciava o resultado do processo. À medida que a pesquisa ia se desenvolvendo, ficava cada vez mais evidente que existia muito mais que ensino na prática do educar. Ao longo do tempo, quando já havia se tornado interventiva, a pesquisa passou a incluir ações selecionadas a partir do perfil do aluno, buscando avaliar a eficácia da postura do educador na relação com o aluno. As estratégias que foram sendo integradas à prática da Educação Transformadora são oriundas das diversas abordagens terapêuticas que lastreiam o programa sistêmico: Neurolinguística, Grupo Operativo, Integração Rítmica e Análise Bioenergética.

Um treinamento para professores normalmente introduz abordagens, metodologias e técnicas, enquanto a formação em Educação Transformadora proporciona ao educador condições

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

de facilitar o desenvolvimento e crescimento pessoal de seu aluno como um todo. Seu estilo pessoal e as suas técnicas são naturalmente afetados, uma vez que ele também passa a relacionar seu conhecimento anterior com a nova visão. Ele descobre a si mesmo e a sua postura diante do seu aluno como as ferramentas eficazes para o seu papel profissional. Para tanto, o professor inicia a sua formação a partir do autoconhecimento. A partir de si mesmo, ele pode estar sensível a “descobrir” uma nova perspectiva para enxergar a pessoa que seu aluno é. Ainda como facilitando, ele tem a oportunidade de experienciar o uso de estratégias diagnósticas e ou interventivas no seu estágio supervisionado; desde então, ele busca internalizar a nova forma de olhar as relações na sala de aula para entender seus alunos de uma forma cada vez mais humana. Desde as primeiras aulas, o facilitador de aprendizagem se propõe a “dar ouvidos” as suas percepções e fazer uma leitura do significado do comportamento do seu aluno. Construindo hipóteses a partir desse olhar, ele amplia seu campo de visão e pode ter uma melhor perspectiva de quais necessidades são emergentes na relação do aluno com o estudo. A partir de então, ele pode traçar objetivos coerentes e fazer seu plano de ensino. O esqueleto de tal plano é a estrutura da matéria que ele se propõe ensinar, tendo sempre em vista - objetivo x perfil de personalidade do aluno.

Aceitar a aprendizagem como um processo relacional permite ampliar o foco de interação entre os sistemas que afetam a sala de aula. Em geral, a construção do vínculo entre aluno x professor proporciona um campo fértil para que as demais relações possam ser estabelecidas. Mas, porque as relações são circulares³, pode ser através das relações entre aluno x aluno que o processo de criação de um campo relacional saudável se implemente. Naturalmente, todo o intrincado jogo relacional está presente em sala de aula, como numa rede: as relações entre o aluno e a família, seu bairro e a sociedade; a relação entre os professores, os coordenadores e a direção da escola; o aluno consigo, com o seu material, com o conteúdo programático etc. O comportamento do aluno dentro desse contexto pode denunciar muito da sua própria vida. Qualquer dado que seja observado pode ser sintoma útil para sinalizar qual o nível de comprometimento do aluno com a aprendizagem: quanto do seu próprio desejo está realmente presente?

Consciente do poder de tais sintomas e capaz de processar uma leitura sistêmica dos acontecimentos em sua sala de aula, o educador pode melhor cuidar da relação em que é

³ “As relações não têm início nem fim e exatamente por isso a atenção terapêutica é focalizada nos vínculos, no contexto em que ocorrem” - NEMI, Sônia, FLACH, Patrícia. Terapia Sistêmica, abordagem para grupos em geral e família, casal e individual. In: RIBEIRO, Ana Rita e MAGALHÃES, Romero (Org.). *Guia de Abordagens Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, p. 235..

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

protagonista, uma vez que é onde ele tem melhor acesso e da qual ele detém 50% do “poder” de modificar. O aluno poderá aprender mais tranqüilamente se “acreditar” no que o seu professor está dizendo, ou seja, se confiar nele. Ele precisa, além de acreditar na sua competência, ter por ele admiração e afeto; mais além, ele precisa sentir-se aceito pelo seu educador, que, ali, de alguma forma, “representa” transferencialmente as figuras parentais que um dia lhe ensinaram. A relação professor x aluno se torna então uma relação de troca ativa. Cabe ao facilitador reafirmar o vínculo afetuoso e confiável que ele disponibiliza e que muito provavelmente o aluno deseja, sustentando sua postura.

A consciência do significado das relações precisa estar presente no planejamento da aula e na criação de um material didático estimulante para despertar interesse nos seus alunos, ainda que o material criado sejam apenas comandos para os alunos. Além disso, ser um educador inclui disponibilizar o seu próprio “self” como modelo relacional coerente com a sua proposta. O educador humanizado humaniza os seus alunos, abrindo o seu próprio coração para com eles partilhar suas emoções, gerando nos alunos uma permissão interna para também fazer conexões com o seu emocional. Quer nas questões de disciplina, quer nas questões de aprendizado, o espírito pessoal do professor pode contribuir para o resultado alcançado ao final da aula, compreendido que ele utilize todo o “poder” que os seus 50% lhe proporcionam.

Da mesma forma que as relações vão se tornando um “colo” para que o aluno possa relaxar e se entregar às suas experiências, é também relacionando os temas entre si que o processo de aprendizagem vai se firmando.

Após um breve aquecimento para a introdução do tema Achamento do Brasil, o facilitador de aprendizagem pode trazer estímulos para que eles relacionem temas entre si, honrando a proposta da transversalidade, estimulando-lhes relacionar os tópicos com o propósito de exercitar o pensar analítico e, muito especialmente, proporcionando-lhes condições para que encontrem o entendimento ampliado dos eventos atuais e os sentimentos dentro de si mesmos, quer sejam estes de compaixão, surpresa ou mesmo de decepção. O professor, não mais “ator principal”, esmaece na cena e escuta a sabedoria dos alunos, que passam a ser agentes do seu próprio aprendizado.

Como poderiam os alunos compreender fatos ocorridos há 500 anos sem associá-los a eventos atuais? O que eles poderiam “descobrir” associando os fatos da história da infância do Brasil aos efeitos no povo brasileiro, hoje? O estímulo poderiam ser questionamentos tipo: Como está a identidade do povo brasileiro? De onde, na infância do país, vem a violência cada vez mais assustadora, a pobreza do povo e do Estado cujas dívidas intermináveis o faz buscar o pretenso

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

“paizão” no exterior? E a eterna esperança de que vai melhorar ao lado do derrotismo de que não tem mais jeito? Por que será que a história está sempre voltando como se pedisse para ser reescrita? De onde vem a aparente crença de que algo pode acontecer de repente e tudo vai se resolver? E a aparente alegria vivida através do carnaval e do futebol? De onde vem a constante busca por segurança? Livres para abandonar tais perguntas e levantar outros questionamentos talvez ainda mais interessantes, eles poderiam fazer conexões que surpreenderiam o seu educador porque o conhecimento “existe” no mundo interno de cada pessoa e sua educação pode ser desencadeada a partir de um modelo externo.

Educação é o processo inverso ao da educação formal, cabendo ao facilitador o papel de despertar no aprendiz sua sabedoria interna em lugar de induzi-lo a aceitar passivamente novas informações. No processo de aprendizado edutivo, cada novo tema precisa ser associado às experiências pessoais do aluno, que são seus recursos naturais. Para que tal habilidade possa ser amplamente utilizada, é importante que crenças que mantêm um padrão limitador e que interferem no seu processo de aprendizagem sejam modificadas. A gradativa transformação do padrão habilita o aluno a fazer contato com o seu saber interior, assegurando o processo edutivo.

O padrão referencial, resultado do conjunto de paradigmas pessoais, pode ser percebido através da forma que o aluno fala, se relaciona, estuda e cuida do seu material. Mais uma vez o educador e sua postura funcionam como ferramenta no processo transformador. Ao atentar para a pessoa que o aluno é através de sua linguagem verbal e não-verbal, o educador consegue “escutar” os recursos do seu aluno, instigando-o a também percebê-los. As mensagens por trás dos seus comportamentos denunciam qual a percepção que cada aluno tem de si mesmo, suas carências e medos, e evidenciam assim as suas limitações ao tempo que apontam para os próprios recursos curativos. As crenças podem ir sendo afetadas gradativamente pelo clima transformador que o educador introduz.

Porque as crenças pessoais de cada membro da relação modelam o produto da aprendizagem também o educador precisa atentar para as suas próprias crenças. O educador influencia e é influenciado pelo aluno, e também se transforma nesse processo, ou seja, a relação é viva e mútua.

As mudanças no comportamento do aluno que tenha sido tocado surgem timidamente e podem até invadir a sua vida fora da sala de aula. Assim, porque educar é, na verdade, cuidar da Criança do aprendiz e os seus paradigmas pessoais podem incluir questões mais internas, aprender pode ser às vezes “doloroso”. Crenças sobre si mesmo podem achar a autoestima, minimizar o

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

contato criativo com o mundo e, em consequência, limitar o seu potencial produtivo. Romper paradigmas é o caminho para a aprendizagem.

O trabalho humanístico é um processo de descoberta conjunta em que a educação da aprendizagem vem a ser ferramenta potente para o crescimento do ser humano. É importante que o educador seja capaz de confiar na capacidade dos seus alunos e demonstrar-lhes seu sentimento de forma verdadeira, estimulando-os a confiarem em si mesmos. Quando confia no aluno, ele se afasta da cena e os alunos podem assumir.

Que relações os alunos puderam fazer entre o Brasil de 500 anos atrás e o seu momento, hoje? O que mais poderiam “descobrir” se relacionassem suas reflexões com informações de uma outra área? A escolha de qual outra área referencial oferecer é parte da arte de criar do educador. A escolha precisa ser consciente e associada aos seus objetivos tanto em relação ao conteúdo programático quanto ao crescimento pessoal dos alunos.

O que aconteceria se o educador oferecesse aos seus alunos informações sobre as formas de agressão na infância e seus efeitos na vida adulta, propondo que eles relacionem este tema com o tema inicial trazido como história da infância do Brasil e seus efeitos no povo hoje? O que eles iriam “descobrir” sobre a vida do povo brasileiro (uma vez que somos os descendentes daquelas crianças da humanidade aqui achados há 500 anos)? Eles receberiam o estímulo: As formas mais comuns de agressões na infância são (1) por abuso físico ou sexual e (2) por negligência (abandono físico ou emocional). O contexto familiar de uma criança que sofre abuso em geral dispõe de armadilhas, mentiras, subterfúgios, manipulação, pavor e medo, engano, descrédito, isolamento, humilhação, vergonha, privação e coerção. E os efeitos básicos do abuso na vida adulta são⁴:

- perda da identidade, co-dependência, prática de violência sexual, física ou emocional com o outro, falta de lógica, raciocínio emocional;
- carência profunda, sede insaciável de amor e atenção; desconfiança ou excesso de confiança, necessidade de estar no controle;
- crenças mágicas como se algo ou alguém fora de repente tivesse o poder para mudar a realidade; impulsividade, necessidade de agradar, sentimento de culpa e vergonha;
- vícios de ingestão (álcool, drogas, alimentos), atividade (trabalho, compras, jogo, sexo, rituais religiosos);
- sensação de vazio, sendo que a energia é usada para sobreviver e sempre em busca de segurança.

Os sintomas presentes em todos os casos de abuso são (a) a crença de que não adianta denunciar, o que conduz ao total silêncio sobre o assunto dentro ou fora da família, ainda que lá no

⁴ BRADSHAW, John. *Volta ao Lar – Como resgatar e defender sua criança interior*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

fundo os seus membros “saibam”, e (b) a dúvida que paira na cabeça da vítima – “será que algum dia isso realmente aconteceu mesmo ou eu inventei?” –, que nasce do sentimento de vergonha e culpa presente em todos os casos, o que contribui para que o silêncio seja mantido.

Providos de informações de uma área dura, porém real, da vida, os alunos vivenciarão a História no presente e compreendendo a dinâmica das relações humanas; aqueles que podem estar sendo vítimas de abuso silencioso serão estimulados a tornar nova a história da sua própria vida. E, porque dentro de cada ser humano existe o manancial do conhecimento de todo o universo, quanto mais o aluno se oportuniza buscar sua sabedoria interior, tanto mais próximo e mais fácil de acessar ela se torna. Quantas possibilidades relacionais os alunos poderiam construir se a eles fossem permitidos o espaço para uma discussão em que eles, entre si, pudessem ser os agentes, sendo o professor apenas observador e suporte para necessidades eventuais?

Uma “resposta apropriada” à dinâmica pessoal do aprendiz identificada pelo educador pode interferir no resultado. Cada aluno merece ser visto como uma pessoa única que é. Apesar disso, a Educação Transformadora utiliza cinco referenciais emprestados de Ron Robbins para leitura do comportamento do aluno, “identificando-os” nos perfis: Sonhador, Comunicador, Motivador, Planejador e Realizador. No entanto, ainda que o educador tenha o lastro teórico das dinâmicas relacionais para confrontar com a sua própria percepção, o facilitador eficaz renuncia ao que pensa e segue os seus sentimentos em relação ao que o seu aluno demanda. Do lugar de facilitador (pessoa atenta ao autoconhecimento), o educador é capaz de oferecer ao aluno o seu coração aberto, com respostas diferentes e mais saudáveis do que o aluno pode estar acostumado a obter. O educador o estimula a pensar diferente do seu padrão, a sentir-se aceito e a criar formas novas de se relacionar com outras pessoas do seu mundo familiar e social.

Apesar da proposta de abandonar o antigo papel parental do professor, é importante compreender que tal lugar é daquela forma sentido pelo aluno, portanto é também através das expectativas que o aluno transfere para o professor que este pode contribuir para a sua transformação. Tal lugar é instrumento transformador quando utilizado para (1) preencher algumas carências-justas que o aluno possa trazer da sua história familiar ou (2) aprender outras formas para obtenção de reconhecimento. É importante também incluir a contratransferência, cuja função pode ser a de denunciar que conteúdos o educador transfere da sua história para o aluno diante de si e que podem embaçar a sua visão sobre o aluno. Dessa forma, uma vez que o processo de aprendizagem é relacional, e sendo o vínculo o “ambiente” em que o processo acontece, o educador precisa estar atento não apenas ao seu aluno, mas também a si mesmo.

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

Sensibilizar o olhar do aluno através de estar sensível a enxergar os sentimentos e direitos do outro pode também ser tarefa para o tema da aula sobre o desenvolvimento do país achado e agora entendido como abusado. Uma estratégia aqui poderia ser extrapolar as relações para além do território nacional e dos sentimentos de vítima que fomos. Estimulando-os para que possam perceber que, quando providências não são tomadas na formação da personalidade da criança, quem um dia foi vítima pode um dia vitimar, e os resultados podem ser inaceitáveis. Para isso, os alunos podem ser estimulados a fazer pesquisas para levantamento de exemplos reais do tipo: casos históricos como a infância de Hitler, casos contemporâneos trazidos pelos próprios alunos, notícias dos jornais locais da ocasião etc. E, ainda que esse olhar possa até enfurecer, uma vez que se trata de violências abusivas, é possível experimentar colocar o olhar nos agressores para enxergá-los como sintomas de um sistema maior.

Sintoma como visto, por exemplo, na psicoterapia familiar:

“O sintoma é entendido como a forma de comunicação do sistema e, tal como uma febre, ele informa que algo funciona mal naquele sistema. Pode ser um pedido de socorro ou uma forma de aliviar a tensão ou ainda de desviar a atenção de todo o grupo da questão real que os pode estar ameaçando”.⁵

E na sala de aula é fundamental que se compreenda o “erro” como sintoma referencial que define o “momento” do processo de aprendizagem, sendo assim ferramenta imprescindível.

Nas primeiras aulas, dentro da própria relação e durante o período de construção do vínculo, na medida em que o educador vai confirmado as hipóteses construídas para identificar qual dinâmica relacional o seu aluno acessa para se relacionar, começa também a identificar que estratégias o aluno usa para lidar com os “erros”. Seu objetivo é criar condições para que o re-significar das dificuldades em diferenças seja um passo assertivo que disponibilize o aluno em direção ao novo. Para que o aluno possa acolher tal proposta, o educador precisa ter ativa, dentro do seu quadro de referências, a crença que propõe, sendo assim um modelo coerente; quando o aluno dá os primeiros sinais de aquiescência à possibilidade de utilizar o seu “erro” a seu favor, ele também sinaliza que o vínculo com o seu professor está se efetivando e que ele está preparado para começar o seu processo na forma proposta. Esse é um processo em onda, onde momentos de conquista precedem os de frustração, que são seguidos com novas conquistas e assim por diante.

A Criança do aprendiz é quem está presente às aulas e ela precisa ser informada de como está se saindo. Uma partilha aberta em dinâmica de grupo ou individual, sobre como o processo de aprendizagem está, precisa ser utilizada no sistema grupal, apesar de ainda existirem em nosso

⁵ NEMI, Sônia, FLACH, Patrícia. Op.Cit., p. 235.

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

sistema de ensino as avaliações formais que estressam como cobranças e ameaçam o bem-estar da Criança do aprendiz. Ao ouvir na partilha quais áreas em seu processo precisam ser exploradas de forma amorosa e direta, o aluno pode sentir como verdade que é também através dos seus “erros” e das “faltas” que ele cresce sem se sentir avaliado, julgado, criticado, cobrado. Além das observações do que falta conquistar, a ele também é dada a oportunidade de enxergar os seus acertos, apontados pelo seu professor, celebrando cada pequena conquista em sua aprendizagem. O professor, nesse caso, utiliza seu conhecimento dos cinco perfis referenciais propostos pela Educação Transformadora para fazer com que o reconhecimento direcionado ao aluno seja curativo, pois existem dinâmicas pessoais que sentem o elogio como ameaçador ou manipulador ou exposição excessiva.

Quando o facilitador se percebe parte do sistema e é capaz de enxergar o “erro” como um sintoma, ele se inclui como possível co-construtor do “erro” e age de forma sensível para facilitar que o aluno possa re-significar sua visão em relação ao seu processo de aprendizado. Coerente, ele fala abertamente sobre possibilidades de aproveitar o seu “engano”, transformando-o em oportunidade para fazer diferente do planejado e ainda assim alcançar seus objetivos.

Ser corrigido por seu professor funciona como fator desencadeante de um processo interno, que, em geral, é uma cobrança pelo próprio aluno. O educando entra em contato com sentimentos da sua própria história tais como vergonha, culpa, impotência, frustração, raiva etc. Esses sentimentos normalmente o imobilizam, impedindo-o de prosseguir na direção do seu objetivo. Em momentos assim ele faz contato com a visão da própria família, o que é também uma perspectiva cultural de que “erro” é prova de incompetência e incapacidade. Atento aos sentimentos do aluno que, em lugar de se sentir desqualificado com o seu “erro”, ou ridicularizado, precisa perceber que o “erro” pode ser interessante quando visto em relação ao seu conhecimento anterior ao novo tema.

Quando o facilitador atua de uma maneira diferente do padrão do aluno, cria condições para que este possa (a) vivenciar o processo de aprendizagem num nível emocional permissor, (b) resgatar seu desejo de se expor ao processo de aprendizagem, (c) arriscar-se e (d) desfrutar das suas conquistas, celebrando-as e congratulando-se por menores que elas sejam. A Educação Transformadora propõe a equação:

$$(\text{tempo} \times \text{percepção}) + \text{vínculo} + \text{feedback} = \text{aprendizagem}.$$

Considerando a etapa anterior da aula de história, em que as questões do abuso foram discutidas, alguns alunos na turma poderiam estar mais mobilizados emocionalmente que outros e serem demandantes de suporte. Atento aos sentimentos dos seus alunos e que estes podem ser

A historinha de um país abusado
(contada através da Educação Transformadora)

Sônia Nemi

mais do que eles podem dar conta, o facilitador precisa estar disponível para proporcionar-lhes suporte afetuoso na forma que cada aluno pode receber. Se as relações no grupo oferecem bordo suficiente para que os alunos se sintam seguros para partilhar, esse espaço nasce espontaneamente no próprio grupo onde os alunos colocam suas emoções e sentem que podem ser ouvidos. Isso aproxima e fortalece ainda mais as relações num nível de maturidade que contribui para o desenvolvimento da aprendizagem em outras matérias, inclusive. Se o educador intui que precisa ser algo mais reservado, ele pode buscar apoio para si e/ou para o aluno se não se sentir preparado para cuidar.

O educador poderia propor uma pesquisa a partir da qual eles possam relacionar os temas da época em que o Brasil foi “achado” apresentado em atividade criada por eles, que envolvessem todos os alunos harmonicamente - um seminário, talvez. Por mais assustador que possa parecer para os alunos se responsabilizarem por algo desse porte, esse é o momento de eles porem em prática a nova crença de que vale a pena arriscar e se expor para que, através do que não dá “certo”, já que o certo é relativo, eles possam transformar.

Emoções compartilhadas e cuidadas podem ser transformadas em ação. E, ainda lidando com o Achamento do Brasil em relação ao povo hoje, o facilitador a essa altura já poderia estimular os seus alunos a se envolverem mais consciente e efetivamente no processo. De qualquer forma, considerar a história da infância do Brasil, compreendendo que é na infância que o plano de vida é construído, ajuda a olhar para a violência crescente no país e identificá-la como resultado de um povo abusado que agora abusa.

E ai? Vamos cruzar os braços?